

O ECLIPSE DE UM CORPOFLOR



Sanzia Pinheiro Barbosa⁵³

Maria da Conceição Almeida⁵⁴

RESUMO:

Analizamos, neste artigo, o termo "transmutação" em duas obras intituladas *Corpoflor* e *Eclipse: espaço perecível de liberdade*, de autoria da artista Castiel Vitorino Brasileiro, intelectual, travesti, escritora e psicóloga clínica, que, em sua produção intelectual e artística, defende a transmutação como um desígnio da vida. Ela compreende que a experiência de transfiguração de sua forma não se circunscreve à questão de gênero, mas constitui uma característica intrínseca aos seres vivos deste planeta. Castiel expande suas reflexões a partir das intimidades que pessoas travestis e corpos negros desenvolvem com outros seres que não os animais humanos. O artigo tece um percurso rizomático entre as questões e materialidades envolvidas nos dois trabalhos escolhidos e as discussões de Tiganá Santana, Conceição Almeida, Edgar Morin e Bunseki Fu-Kiau.

PALAVRAS-CHAVE: Transmutação, Castiel Vitorino Brasileiro, ancestralidades.

THE ECLIPSE OF A CORPOFLOR

ABSTRAT:

In this article, we analyze the term "transmutation" in two Works by the artist Castiel Vitorino Brasileiro, an intellectual, travesti, writer, and clinical psychologist: *Corpoflor* and *Eclipse: espaço perecível de liberdade*. In her intellectual and artistic production, she advocates for transmutation as a fundamental life principle. She

⁵³ Doutoranda em educação e Mestre em Ciências Sociais pela UFRN. Membro do Colegiado de Artes Visuais-Minc, participando da elaboração do Plano Nacional de Artes Visuais (2010/2012). Realizou diversas curadorias. Atua no circuito artístico em Natal/RN. <http://lattes.cnpq.br/6300880545872909>
aranha.asa@gmail.com

⁵⁴ Antropóloga, Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP. Líder do Grupo de estudos em complexidade GRECOM/UFRN. Professora titular da UFRN nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ciências Sociais/UFRN. Membro da Association International pour la Pensée Complexe/Paris. Membro do Conselho Científico Internacional da Multiversidad Mundo Real Edgar Morin, (Hermosillo-México). Membro do Conselho da Cátedra para a la Transdisciplinaridad (Valladolid-Espanha).
<http://lattes.cnpq.br/9961862139964562> calmeida17@hotmail.com

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

understands that the experience of transfiguring her own form does not limit itself to a gender issue but it constitutes an intrinsic characteristic of all living beings on this planet. Castiel expands her reflections from the intimate relationships that travesti people and Black bodies develop with other non-human beings. The article traces a rhizomatic path between the issues and materialities involved in the two works and the discussions of Tiganá Santana, Conceição Almeida, Edgar Morin and Bunseki Fu-Kiau.

KEYWORDS: Transmutation, Castiel Vitorino Brasileiro, ancestry.

Este artigo é um recorte da pesquisa em desenvolvimento no nível de doutorado, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Na tese, nossa intenção é problematizar a educação humanista como um dos pilares que sustentam o mundo tal como o conhecemos, cujo objetivo primordial é a racionalidade instrumental, a ênfase na formação do sujeito para o trabalho e a exclusão da arte e dos saberes tradicionais dos processos educativos. A artista Castiel Vitorino Brasileiro nos auxilia a ensaiar uma educação radicalmente aberta, que inclui as relações interespecíficas, complexas no sentido de contribuir para a construção de práticas educativas fundadas em uma multirreferencialidade característica da arte contemporânea e no aprendizado das relações não hierarquizadas.

Neste artigo, analiso duas obras de Castiel Vitorino Brasileiro, *Corpoflor* e *Eclipse*: espaço perecível de liberdade, para refletir com a artista sobre o termo "transmutação". O artigo percorre um caminho rizomático entre as questões e materialidades envolvidas nos dois trabalhos escolhidos.

Castiel Vitorino Brasileiro (1996) é artista, intelectual, travesti, escritora, psicóloga clínica (UFES), macumbeira e mestre em psicologia clínica (PUC/SP). Sua produção intelectual e poética constitui uma crítica às amarras do colonialismo e, sobretudo, da modernidade, valendo-se de sua própria experiência estética e cultural. A artista desenvolve uma pesquisa no entrelaçamento entre vida, morte, racialidade,

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

cultura bantu e a macumba. Produz em diferentes linguagens e meios, como a performance, o vídeo, a fotografia, a pintura, o desenho, a instalação, a escultura e o objeto, integrando o grupo de jovens artistas que articulam o renascimento de uma cena de arte brasileira influenciada pelas histórias negrxs e indígenxs.

CorpoFlor é uma série de fotoperformances iniciada em 2016 e que hoje conta com mais de 90 imagens, apresentando um híbrido de humano e vegetal. Este trabalho discute o esquecimento promovido pela modernidade de que somos seres em transmutação, entrelaçados com todas as espécies do planeta por meio da bioquímica. A produção de CorpoFlor começou no segundo ano da graduação de Castiel em Psicologia, na Universidade Federal do Espírito Santo, e surgiu como uma promessa feita a si mesma: continuar transfigurando. Para a artista, a promessa é uma experiência impossível de tradução ou de comunicação; ela não exige explicações, por que se incorpora numa realização.

Talvez alguns vejam em CorpoFlor um autorretrato. O autorretrato é um tema que atravessa toda a história da arte de narrativa europeia e americana, desde a arte rupestre até a arte contemporânea. A autorrepresentação não é necessariamente uma cópia fiel da imagem física dos artistas, mas quase sempre é a expressão da maneira como eles se veem, se entendem e lidam com suas questões como viventes deste mundo.

Figura 01 - CorpoFlor - Série fotográfica - Vitória, 2016—2021/Primeiras fotoperformances



ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade



Fonte: <https://castielvitorinobrasileiro.com/Trabalhos>

Corpo-flor é um retrato do que somos. A microbiologia tem chamado a atenção para o corpo humano como um sistema vivo. O corpo do *Homo sapiens demens* é uma ambiência que abriga outros seres para se constituir enquanto um sistema vivo, composto por uma grande quantidade de células microbianas que formam o microbioma humano, um conjunto de bactérias, vírus e fungos somando aproximadamente 100 trilhões de células; ou seja, 90% de nossas células não são humanas. O conceito de microbioma humano foi sugerido pela primeira vez por Joshua Lederberg (1925-2008), que definiu o termo como a “comunidade ecológica de microrganismos comensais, simbióticos e patogênicos que compartilham o nosso espaço corporal”. Quando pensamos em genes, em termos numéricos, os genes desses microrganismos estão no corpo humano 100 vezes mais do que os genes do hospedeiro; assim, somos 99% micróbios e 1% humanos.

Temos diversas comunidades de microrganismos presentes na pele, nos pulmões, no trato urogenital e no trato gastrointestinal (Antunes, 2024). Nas últimas décadas, as investigações se multiplicaram tanto que deram origem a um novo campo na microbiologia, denominado microbioma humano (Lima, 2024). Essas investigações demonstram quão complexa é a composição de nosso corpo, para além da visão antropocêntrica de que somos apenas o resultado de genes que se juntam em um óvulo fertilizado. Corpo-flor é um lembrete de que somos seres

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

encruzilhados, uma obra encarnada, um corpo de saberes e memórias, uma desconstrução do corpo humano como máquina biológica constituída por sistemas excepcionais. Para Conceição Almeida, o paradoxo é a nossa forma de ser e viver mais substancial e arcaica.

A condição humana é gestada na multiplicidade, comporta mestiçagem e hibridação de fenômenos físicos e metafísicos, bióticos e pré-bióticos, coletivos e individuais, orgânicos e supra orgânicos, naturais e artificiais. A permanente metamorfose da espécie humana na Terra tem as marcas da necrose e da regeneração, como em toda metamorfose. (ALMEIDA, 2017, p. 143)

Contrário ao nosso entendimento do que seja um animal humano. A nossa condição é marcada pela pluralidade, incluindo aspectos e entrelaçamentos diversos. A constante transmutação revela um ecossistema complexo no qual padrão e repetição; criação e bifurcação dão forma ao nosso corpo e existir.

Corpoflor é uma performance, uma prática poética marcada por um intenso nomadismo de formas e um insubmisso movimento de mutação que fratura a noção de representação e confunde ficção e vida. Não cabe em categoria alguma; é uma arte das margens e do centro, essencialmente efêmera por sua natureza viva, temporal, é política por princípio. Rompe as estruturas tradicionais da representação cênica, trocando o ensaio pelo risco do acaso como elemento fundamental de sua linguagem. A performance existe enquanto ações, interações e relações. “As performances marcam identidades, dobram o tempo, remodelam e adornam o corpo e contam histórias” (Schechner, 2006, p. 29).

Leda Maria Martins, poeta, ensaísta, dramaturga e professora, no livro *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*, escreve sobre a performance como transcrição de saberes ancestrais. Elabora o conceito de corpo-tela, que se aproxima da poética de *Corpoflor*.

o corpo-tela é um corpo-imagem constituído por uma complexa trança de articulações que se enlaçam e entrelaçam, onduladas com seus entornos,

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

imantadas por gestos e sons, vestindo e compondo códigos e sistemas. Engloba movimentos, sonoridades e vocalidades, coreografias, gestos, linguagem, figurinos, pigmentos e pigmentações, desenhos na pele e no cabelo, adornos e adereços, grafismos e grafites, lumes e cromatismos que grafam esse copo/corpus, estilisticamente como locus e ambiente do saber e da memória (Martins, 2021, p.79).

Castiel refuta a afirmação de alguns curadores que relacionam *CorpoFlor* à sua experiência de transição de gênero. Sua questão ultrapassa a binariedade que é craquelada em seu corpo negro e não cisgênero, reelaborando as experiências de racialidade e desobediência de gênero. Ela vive a transmutação como um fenômeno permanente da vida terráquea. Transmutamos em todas as direções durante toda a nossa vida e para além dela, pois a morte nada mais é do que outra fase do movimento da vida que ocorre no universo de maneira contínua em ciclos alternados.

Transmutação é um verbo transitivo que significa modificar ou fazer modificar-se, transformar-se. Segundo o Dicionário Aurélio, transmutação é a ação ou efeito de transmutar; substantivo usado na genética, que diz respeito à modificação de uma espécie nova a partir da acumulação de mutações que ocorrem na espécie original; na química, é a ação de transformar um elemento químico em outro; e na física, é toda reação nuclear capaz de transformar um nuclídeo em outro.

Edgar Morin, ao se referir à vida como criadora de criatividade, observa as transmutações contínuas naquilo que ele chama de “arte da metamorfose: das sementes às plantas, do ovo ao animal adulto, do embrião mamífero em sua placenta ao adulto, por fim, da lagarta rastejante à borboleta e à libélula” (Morin, 2020, p. 60). Esses processos de transformação citados pelo pensador revelam o aspecto polimórfico da vida. A vida, em seu permanente recomeço, provoca inúmeras reconfigurações de formas.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 02 - Corpoflor - Série fotográfica - Vitória, 2016—2021/foto performances



Fonte: <https://castielvitorinobrasileiro.com/Trabalhos>

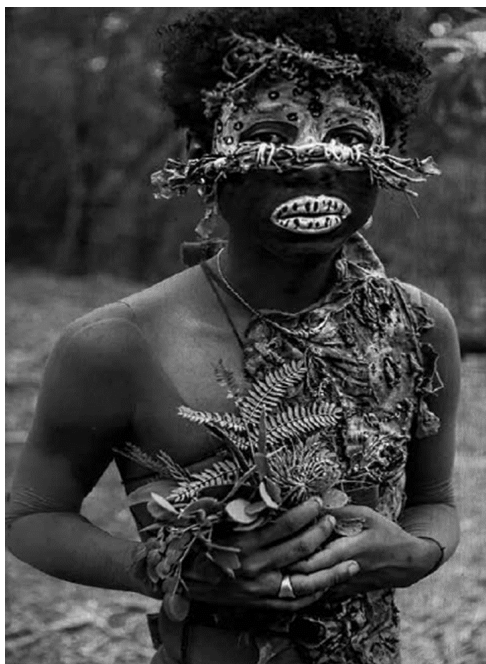
A cultura Banto é uma das fortes influências na produção poética de Castiel. Dos 10 milhões de africanos trazidos às Américas pelo comércio escravista, quase metade era constituída por povos bantos, que habitavam a região da África Central onde atualmente se encontram países como Angola, Moçambique, Congo, entre outros. O congolês Bunseki Fu-Kiau, filósofo e profundo estudioso da cosmologia africana dos bantu-kongo, afirma que, para esses povos, a vida de um ser humano habitante do planeta Terra

é um contínuo de transformação, um ser-vivo-de-vida-e-morte. Um ser de movimento ininterrupto, através das quatro etapas de equilíbrio entre uma força vertical e uma força horizontal. A força horizontal é fundamental, a chave para abrir ou fechar, para entrar ou sair do mundo diurno, ou do mundo noturno. A força vertical, aquela perigosa e dominante, é secundária no equilíbrio exigido para a vida da comunidade, de suas relações religiosas. (Santana, 2019, p. 33)

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 03 - Série Corpoflor, fotoperformance 2016-2021



Fonte: Catálogo Castiel Vitorino Brasileiro: Eclipse

<https://pt.scribd.com/document/511734236/catalogo-Castiel-Vitorino-Brasileiro-Eclipse>

No livro de sua autoria *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*, Castiel frequentemente nomeia o racismo como “ficção da raça”, destacando o caráter narrativo e transitório dessa forma colonial fundamental de controle sobre os corpos, que ainda sustenta a estrutura do capitalismo global. A artista produz uma crítica à racialidade como uma reinvenção da memória do colonialismo, afirmando sua imensurabilidade, pois sua pele negra se alinha com a negritude do universo, e em seu corpo circula o mesmo carbono que habita as estrelas.

Tornar-se imensurável, segundo a artista, é uma crítica criativa aos processos de racialização, ao “tornar-se negro”, compreendendo esse processo como um dos aspectos da violência racial no Brasil e uma reiteração da mitologia moderna, pois entende que tal violência está na própria existência da categoria “raça”. Para Castiel, a racialização é um manejo da vitalidade do corpo negro, uma vez que um dos

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

principais argumentos para a escravização de pessoas de pele escura foi a afirmação da inexistência de nossas almas. Ela propõe “evitar a raça para transfigurar a história”.

Para a autora, criar e imaginar novas histórias é uma questão de intimidade com seres que não são humanos. É entender nossos laços com a lua, o sol e tudo que existe além do planeta Terra, promovendo uma disputa imagética e uma narrativa intelectual sobre a intimidade que pessoas negras desenvolvem com vidas que não as humanas/brancas. Castiel descreve a intimidade multiespécie como uma prática vital para experimentarmos momentos perecíveis de liberdade em nosso cotidiano na plantation. Esse entendimento de nossa conexão com outras formas de vida enriquece nossas experiências e promove a percepção da transmutação permanente, característica da vida no planeta Terra.

O diálogo com os diferentes reinos da biosfera da Terra é uma preocupação constante de Castiel, presente em sua produção artística e em seu discurso. A artista percebe os corpos negros como sistemas vivos que, ao sofrerem as flutuações cotidianas da mentira moderna da racialização, se reorganizam em fuga, reinventam-se ao mesmo tempo que mantêm sua natureza terráquea. As benzedeadas são um exemplo de fuga. Para a artista, “tornar-se benzedeadas” não é a mesma coisa que “tornar-se negra”, pois as benzedeadas cultuam metamorfoses, enquanto a racialização cultua o esquecimento da transfiguração. Nas palavras da artista, as benzedeadas são:

seres que articulam sua onto-biologia numa outra gênese que não as das raças negro e índio. São seres que não somente compreendem os trançados da vida plantae numa desarticulação da ideia moderna de família, e, por assim o fazer, passam a perceberem-se como matérias integradas neste enorme e complexo processo biológico chamado planeta Terra (Brasileiro, 2022, p. 35).

De sua parte, a artista Luana Vitra (MG), cuja poética é fortemente voltada ao reino mineral, diz que o ferro em corrosão está em seu momento de libertação. Contrárias aos humanistas que negam sua condição animal, essas pessoas não se

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ressentem em reconhecer sua animalidade, sua existência simbiótica com os reinos *Plantae, Fungi, Animalia, Protista e Monera*.

Eclipse: Espaço perecível de liberdade é uma instalação exibida no Hessel Museum of Art, em Nova York, em 2021. Constituída de terra, sal, carvão, uma bacia de pedra, água, tecido e vídeo, a instalação ocupa um nicho de 4,25 m de altura e 4,80 m de diâmetro, imersa em um ambiente escuro. Integra o conjunto de obras da exposição individual que teve como título *Eclipse: Castiel Vitorino Brasileiro*. Nesta exposição são exibidas diversas obras da artista, que, segundo o curador Bernardo Mosqueira, são resultado de experiências de processos de cura, entendida por Castiel como “um estado provisório de alinhamento entre as inúmeras vidas que simultaneamente compõem uma pessoa” (Bernardo, 2021, p. 16).

O diâmetro que dá forma à instalação tem em sua base terra; sobre esta, o carvão; depois, o sal; e, no centro, uma bacia de pedra com água que recebe a projeção do vídeo *Faça-me um pedido*. Os elementos que compõem a instalação — sal, água, carvão e terra — são, na umbanda, catalisadores de energias. No texto de abertura do catálogo, Mãe Matilde de Oyá afirma que o carvão representa a força de Exu, tanto para benzer quanto para eliminar feitiços. A obra é um espaço de cura, um convite a entrar em eclipse, ou seja, a ofuscar e obscurecer nossa intensa luminosidade moderna, traduzida nas certezas científicas.

O eclipse ocorre quando um astro é ocultado total ou parcialmente por outro astro ou pela sombra de um corpo celeste. Podem ser solares ou lunares e acontecem quando a Terra, a Lua e o Sol estão alinhados em seus movimentos de interações gravitacionais. A palavra “eclipse” deriva do grego antigo *ékleipsis*, que por sua vez deriva do verbo *ekleipō*, que significa “deixar para trás”. O que podemos deixar para trás? A ordem que nos impede de viver a alegria e a intensidade do desabrochar de um corpo flor em seus infinitos momentos de perecibilidade? Parece-nos que esse é o permanente convite da artista.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A abordagem da artista parte da recusa em aceitar categorias como meios legítimos de definir verdades, enfatizando o caráter fictício e arbitrário das classificações e definições que adotamos. Ela se empenha em enfrentar as consequências concretas e prejudiciais do uso radical e histórico desses modos coloniais de ordenar o mundo (Mosqueira, 2021). As respostas de Castiel, na entrevista publicada no catálogo, articulam fugas, saídas de uma onto-epistemologia que hierarquiza e subordina saberes religiosos e espirituais.

Vejo essa subordinação como um reflexo da ideia de que apenas os "Outros" estruturam suas sociedades a partir da religiosidade e espiritualidade. Esse é um dos aspectos da violência racial: rebaixar qualquer conhecimento religioso e espiritual, estabelecer a ciência moderna/branca como a única forma correta e eficaz de compreender o mundo, e rotular modos de vida e tecnologias diferentes, ou incompreensíveis para a branquitude, como "não científicos" e "meramente religiosos." Para mim, a cura representa um afastamento dessa narrativa moderna. A cura é um movimento passageiro, embora profundamente presente. Ela é efêmera, é uma temperatura, um sabor, um ritmo, uma densidade. Na minha vivência, a cura não segue o ideal iluminista de limpeza, clareza e linearidade. Pelo contrário, eu a vejo como mistura, sujeira, contradição e desencontro (Vitorino, 2021, p. 19).

A instalação, imersa em escuridão, tem um ponto de luminosidade produzido pela projeção do vídeo *Faça-me um pedido*, no qual a sereia Castiel nada e canta em movimentos de contração e expansão. A sonoridade sugere um ritual, o anúncio de um acontecimento. Emite sons que se assemelham a uma reza, um benzimento. Para a artista, "as sereias são criaturas híbridas e maravilhosas que resistem em ser definidas pelos instrumentos do racionalismo, ainda que sejam acessíveis pela imaginação" (Brasileiro, 2021, p. 29). Nesse sentido, podemos especular sobre nossa ancestralidade aquática, dada a presença de algumas características no corpo humano que são mais frequentes em mamíferos aquáticos do que em terrestres, como o controle consciente da respiração, uma espessa camada de gordura sob a pele e membros inferiores mais longos que os superiores.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 04 - Eclipse: instalação, terra, sal, carvão, água e projeção. 2021



Fonte: Catálogo Castiel Vitorino Brasileiro: Eclipse

<https://pt.scribd.com/document/511734236/catalogo-Castiel-Vitorino-Brasileiro-Eclipse>

Figura 06 - Eclipse, detalhe da instalação, terra, sal, carvão, bacia de pedra, água e projeção. 2021



Fonte: Catálogo Castiel Vitorino Brasileiro: Eclipse

<https://pt.scribd.com/document/511734236/catalogo-Castiel-Vitorino-Brasileiro-Eclipse>

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 04 - Faça-me um pedido, vídeo projetado na bacia d'água .6'29", 2021.



Fonte: Catálogo Castiel Vitorino Brasileiro: Eclipse

<https://pt.scribd.com/document/511734236/catalogo-Castiel-Vitorino-Brasileiro-Eclipse>

A forma de *Eclipse* (2021) faz referência ao cosmograma Bakongo Dikenga, uma síntese da cosmologia africana sistematizada por Bunseki Fu-Kiau. O dikenga dia kongo representa os estágios ontológicos de tudo o que pode ser circunscrito por este mundo (nza yayi). Apresentado no cosmograma kongo, ele consiste em quatro estágios ontológicos: musoni, kala, tukula e luvemba. Vejamos como Tiganá Santana, estudioso do filósofo Fu-Kiau, interpreta esses estágios ontológicos:

Musoni, ligado à cor amarela, é não ser ainda físico ou não ser mais físico, tangível. Kala, que vem a significar 'residir' ou, literalmente, 'ser' — em sua acepção principalmente verbal —, corporifica, representado pela cor preta, o estágio em que este ser como ação torna-se entidade "visível". Noutro estágio, associado à cor vermelha, encontramos tukula (do verbo kula: crescer, amadurecer, desenvolver [-se]) e as coisas e situações em seu estado de zênite, de mais ativa proficuidade, de ação propriamente dita. Por fim, luvemba vem a ser o estágio de desintegração física, o morrer, o findar começar, as grandes transmutações das coisas que são, o desintegrar-se da dimensão tangível e ir ao insondável. O radical vemba designa, entre outras acepções, 'agrisalhar-se'. Tal estágio conecta-se à cor branca (Santana, 2020, p. 6).

O cosmograma Bakongo simboliza o movimento em espiral do tempo e representa a vida (as existências) como uma série de mortes e renascimentos contínuos. Os diferentes materiais que compõe a obra trazem em si esse contínuo de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

transformação seres-vivos-de-vida-e-morte. A terra, rica em matéria orgânica, tem o poder de processar a morte e alimentar a vida. O carvão obtido a partir de queima controlada da madeira, é a presença da árvore morta, leve, também usado para fins medicinais. Desde os tempos sem início que o sal é utilizado e valorizado, tanto em seu uso na vida diária quanto em seu significado sagrado e profano, como uma conexão entre as pessoas e o sagrado. Em ambos o sal representa preservação e incorruptibilidade, aplicando-se tanto à conservação de alimentos quanto aos valores espirituais.

Castiel radicaliza a imaginação de si e convida o visitante ao seu mergulho — a um encontro com a sereia e com a água viva. Eclipse é um espaço perecível de liberdade. "Perecível" aqui é entendido como algo que está destinado a extinguir-se, a deteriorar; é também aquilo que perdura na vida terráquea. Enquanto "liberdade", segundo a artista, é uma situação espaço-temporal: a experiência de criar, viver e desejar após ultrapassarmos os limites ontológicos criados pela colonialidade. Podemos pensar que situações espaços-temporais são criações de “possíveis que estão sempre em potência, em suspensão, em estado de flutuação. Partículas podem se separar, forjar estrelas, formar planetas e finalmente engendrar a vida.” (ALMEIDA, 2017, p. 241)

Corpo e Eclipse: espaço perecível de liberdade são lembretes da liberdade real da transmutação permanente e de que somos seres encruzilhados. Um convite a imensurabilidade de todo habitante do universo, um convite a desobediência a esse mundo patriarcal, heteronormativo, branco, fundado na colonialidade; desobediência em favor de nossas naturezas profundas e sutis.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição. Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento. Ed. Appris, Curitiba, 2017.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ANTUNES, Luis Caetano Martha. A microbiota humana. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/a-microbiota-humana/>. Acesso em: 01 ago. 2024.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2022. (coleção Lampejos).

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. BERNARDO, Mosqueira. Eclipse: Castiel Vitorino Brasileiro: catálogo da exposição individual Castiel Vitorino Brasileiro: eclipse. Hessel Museum (org.), 2021

CARDOSO, Vanesa Marques. O microbioma humano. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2015.

LIMA, Leonardo. Programa Na Onda da Vida. Disponível em: <https://www.ufmg.br/ciencianoar/conteudo/o-ecossistema-humano/>. Acesso em: 24 maio 2024.

MORIN, Edgar. Conhecimento, ignorância, mistério. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

SANTANA, Tiganá. Abrir-se à hora: reflexões sobre as poéticas de um tempo-sol (Ntangu). Revista Espaço Acadêmico, ano XX, nº 225, nov.dez. 2020.

SANTANA, Tiganá. A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da tradução) - Departamento de letras Modernas, Universidade de São Paulo, 2019.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? In: SCHECHNER, Richard. Performance studies: an introduction. 2. ed. New York; London: Routledge, 2006.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade